

Artigo recebido em:
16.01.2019
Aprovado em:
29.03.2019

Das ruas para a mídia: o assassinato de uma mulher em situação de rua no Rio de Janeiro e seu enquadramento midiático

Luciane Leopoldo Belin

Jornalista e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM/UFPR).

E-mail: lucianebelin@gmail.com

Luciane Leopoldo Belin

Resumo

A população em situação de rua é um grupo populacional costumeiramente ignorado pela mídia na maior parte do tempo, exceto pelas situações em que um fato relacionado à mesma atrai os olhares do público. Foi o que aconteceu em 2017, quando uma mulher em situação de rua chamada Fernanda Rodrigues dos Santos foi morta em Copacabana, no Rio de Janeiro. A partir de um aporte teórico-metodológico fundamentado na teoria do enquadramento, com uma análise realizada em duas etapas técnicas – a primeira, que isola os quadros das notícias e a segunda, que analisa as palavras-chave de 25 textos que compõem o corpus de pesquisa –, este artigo se propõe a descrever os elementos que delineiam o enquadramento da cobertura midiática sobre o assassinato e a inferir se os mesmos são organizados de forma a construir uma apresentação estigmatizada da mulher ou a desenvolver enquadramento equilibrado do caso. Como resultado da análise, percebe-se a presença de quadros como as fontes de informação, caracterização da vítima e dos perpetradores, justificativas para o crime, presença tímida das perspectivas de gênero e de contexto social, bem como destacam-se quatro grupos de classes de palavras-chave que reforçam a pobreza deste último aspecto.

Palavras-chave: Enquadramento. Crítica de mídia. Estigma. População em situação de rua. Mulher.

From the street to the news: a homeless woman murder in Rio de Janeiro and its media framing

Abstract

The homeless people are a group usually ignored by the media most of the time, except for situations in which a fact related to it attracts the public eye. This happened in 2017, when a street woman named Fernanda Rodrigues dos Santos was killed in Copacabana, Rio de Janeiro. Based on a theoretical-methodological contribution based on framing theory, with an analysis carried out in two technical stages – the first, which isolates the news frames, and the second, which analyzes the keywords of 25 texts that compose the research corpus – this article sets out to describe the elements that outline the framework of media coverage of the murder and to infer whether they are organized in a way that builds a stigmatized portrayal of women or develops a balanced framework of the case. As a result of the analysis, we can see the presence of frames such as sources of information, characterization of the victim and perpetrators, justifications for crime, timid presence of gender perspectives and social context, as well as four groups of classes of keywords that reinforce the poverty of this last aspect.

Keywords: Framing. Media critics. Stigma. Homeless people. Women.

Fernanda Rodrigues dos Santos foi assassinada a tiros enquanto dormia sob uma marquise na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro (RJ), na noite de 17 de outubro de 2017. Fernanda vivia em situação de rua, circulava pela região há cerca de quatro anos e se diferenciava do estereótipo das pessoas nesta condição por seu comportamento amigável, simpático e não ameaçador.

O caso repercutiu na imprensa no dia seguinte, veiculado em sites e portais de notícia, voltando a ser abordado cerca de um mês depois, quando os responsáveis pelo crime foram presos. A violência contra pessoas em situação de rua não é incomum. A cada dois dias, ocorre uma morte dentro deste grupo populacional no Brasil, de acordo com o Centro Nacional de Defesa de Direitos Humanos da População em Situação de Rua e Catadores de Material Reciclável (CNDDH)¹. Ainda de acordo com o CNDDH, entre março e agosto de 2017, 69 pessoas em situação de rua morreram no Brasil e 419 sofreram violência nas ruas².

Com estes dados em vista, chama a atenção o fato de que a morte de Fernanda tenha recebido atenção da imprensa, em contrapartida a todas as outras que são ignoradas. Também cumpre pensar, sob a égide da crítica de mídia, de que maneira os veículos de comunicação se debruçam sobre este tema tão relevante para o espectro social e humanitário do Brasil, especialmente dado o momento de crise socioeconômica e democrática vivido pelo país.

Neste contexto, o presente artigo se propõe a responder às perguntas: quais são os elementos que delinham o enquadramento da cobertura midiática de sites e portais sobre o assassinato da mulher em situação de rua Fernanda Rodrigues dos Santos? Eles são compostos de maneira a construir uma apresentação estigmatizada da vítima ou a oferecer uma cobertura com enquadramento equilibrado?

Parte-se da hipótese de que as matérias analisadas ignoram majoritariamente uma perspectiva de análise social, focando apenas sobre o crime como um caso isolado. Para averiguar se esta hipótese se verifica, foi utilizada como aporte teórico-metodológico a análise de enquadramento midiático a partir do modelo proposto por Entman (1993) e discutido por Mendonça & Simões (2012), mais tarde conectados à crítica de mídia conforme propõe Rothberg (2010).

A análise foi realizada em duas etapas quantitativas: primeiro, se identificam os elementos que compõem o enquadramento noticioso: fontes de informação; caracterizações da vítima; nível de informações sobre os criminosos; uso de justificativa para o crime; discussão sobre o gênero da vítima; discussão sobre a condição de maternidade da mesma; contextualização da questão social.

Em segundo, por meio de uma técnica de pesquisa das terminologias léxicas, trabalharam-se as principais classes de palavras que organizam o discurso das matérias do corpus.

Confrontando a expectativa ressaltada na hipótese, a cobertura midiática apresentou sim um contexto social. A problematização da questão da população em situação de rua não está completamente ausente, ainda que apareça timidamente na maioria dos casos. E, embora as reportagens tenham tratado Fernanda de maneira estigmatizada, este estigma se apresenta com um formato diferente do que é invocado geralmente quando se fala de indivíduos deste grupo populacional.

Fernandas

Embora o cotidiano das pessoas em situação de rua seja costumeiramente marcado pela invisibilidade, eventualmente um acontecimento envolvendo este grupo social faz com que o mesmo se torne alvo de cobertura midiática. Uma vez que o número crescente de indivíduos vivendo sob as marquises, por si só, já não impacta os jornais, é necessário um episódio de violência ou morte para tirá-los da sombra.

Neste sentido, o caso de Fernanda Rodrigues dos Santos foi um dos que alcançou o campo midiático. Ela vivia nas ruas do Rio de Janeiro há cerca de quatro anos

¹Informação divulgada em reportagem da Gazeta do Povo, veiculada em março de 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2B4DJNs>. Acesso em: 11 ago. 2018.

²Informação divulgada pela ONG Terra de Direitos em setembro de 2017. Disponível em <https://bit.ly/2nwdKF6>. Acesso em: 11 ago. 2018.

e era conhecida pelos moradores do bairro de Copacabana. No dia 18 de outubro de 2017, editoriais cariocas de diversos jornais e sites noticiaram pela primeira vez a morte de uma mulher encontrada com tiros no peito em uma rua do bairro carioca, na maior parte sem identificá-la.

Um mês depois, os mesmos jornais informaram que dois homens haviam sido presos, acusados do assassinato desta mulher, então identificada como Fernanda. Os acusados eram Cláudio José Santos, lutador de MMA, e Rodrigo Gomes Rodrigues, estudante de Medicina.

A notícia circulou em diferentes mídias e alcançou especialmente os noticiários do eixo Rio-São Paulo, grande parte dos quais possuem abrangência nacional. Nas matérias, o tom predominante era o de indignação, transferindo para o discurso midiático o lamento dos moradores da região que a conheciam e a quem cuja morte impactou negativamente.

Tendo em vista que pessoas em situação de rua são, com frequência, culpabilizadas pelas próprias circunstâncias de vida, vistas como ameaças à segurança pública ou reduzidas puramente a um problema social, a cobertura da morte de Fernanda Rodrigues dos Santos se diferencia não apenas pela projeção recebida, mas pela forma como esta atenção foi dispensada.

Fernanda faz parte de uma população que ultrapassa os 100 mil: atualmente, 101.854 pessoas vivem em situação de rua no Brasil, segundo estimativa realizada pelo Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2016. O Ministério do Desenvolvimento Social considera a população em situação de rua como um

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares fragilizados ou rompidos e a inexistência de moradia convencional regular. Essa população se caracteriza, ainda, pela utilização de logradouros públicos (praças, jardins, canteiros, marquises, viadutos) e áreas degradadas (prédios abandonados, ruínas, carcaças de veículos) como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como unidades de serviços de acolhimento para pernoite temporário ou moradia provisória (BRASIL, 2008).

O mais recente levantamento oficial e de abrangência nacional sobre o tema é a Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, de 2008. Na época, o levantamento apontou que 18% da população em situação de rua eram compostos por mulheres contra 82% de homens.

A estimativa da Secretaria de Assistência Social do Rio de Janeiro é de que a capital carioca concentre atualmente uma grande porcentagem deste número, com aproximadamente 15 mil pessoas vivendo nas ruas, das quais o número de mulheres é crescente, dada a tendência de que famílias inteiras tenham ficado desabrigadas nos últimos anos.

No entanto, o tema raramente alcança a grande mídia, ainda menos quando se pensa na parcela feminina desta população, que quase nunca é retratada. Quando aparece, no entanto, é vitimizada, representada em relação a um parceiro ou ao consumo de drogas. A própria Pesquisa Nacional não traz uma única vez a palavra “mulher” e não apresenta dados específicos que tratem das particularidades da parcela feminina que, embora seja minoria, precisa ser considerada.

A presença destes sujeitos, sejam homens ou mulheres, desafia a percepção da ordem social das necessidades humanas para a sobrevivência e causa um estranhamento já que o senso comum prega a moradia como uma demanda primordial do ser humano. Elas fazem parte de um grupo que, de acordo com Goffman (2008, p. 155) é formado por pessoas “engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social”, que incorporam o que o autor chama de “comportamentos desviantes”.

Ele se refere a pessoas com esses comportamentos como castas “percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motiva-

cionais da sociedade” (GOFFMAN, 2008, p. 155) e sugere que são estigmatizadas por serem consideradas desviantes sociais. O autor sugere ainda que, em alguns casos, elas apresentam seus desvios voluntariamente, de maneira que “ostentam sua recusa em aceitar o seu lugar e são temporariamente tolerados nessa rebeldia, desde que ela se restrinja às fronteiras ecológicas de sua comunidade” (GOFFMAN, 2008, p. 156).

Essa é uma forma interessante de compreender a relação da sociedade de maneira geral com as pessoas que habitam as ruas. Sua existência é de conhecimento geral, da população e dos governos e, embora existam políticas públicas para tratar desta questão, são insuficientes e tais sujeitos sociais permanecem nesta condição. São vistos por todos, mas ao mesmo tempo, invisíveis.

Exige-se do indivíduo estigmatizado que ele se comporte de maneira tal que não signifique nem que sua carga é pesada, e nem que carregá-la tornou-o diferente de nós; ao mesmo tempo, ele deve-se manter a uma distância tal que nos assegure que podemos confirmar, de forma indolor, essa crença sobre ele. Em outras palavras, ele é aconselhado a corresponder naturalmente, aceitando com naturalidade a si mesmo e aos outros, uma aceitação de si mesmo que nós não fomos os primeiros a lhe dar. Assim, permite-se que uma aceitação-fantasma forneça a base para uma normalidade-fantasma (GOFFMAN, 2008, p. 133).

Esta tendência à invisibilidade extrapola as fronteiras da convivência em comunidade e impacta também o campo midiático, de forma que, quando um caso como o assassinato de Fernanda recebe a atenção de dezenas de veículos midiáticos, apresenta-se a necessidade de compreender o que o diferencia de ocorrências similares que são sumariamente ignoradas.

Para investigar os elementos que compõem esta cobertura midiática, este artigo parte da análise de 25 matérias de diferentes veículos de comunicação³. O título de uma das matérias, veiculada pela *Folha de S. Paulo*, aponta o tom que predomina na cobertura: “Morta em Copacabana, moradora de rua se destacava por ‘porte nobre’”. O título registra aquele que foi um dos elementos mais presentes na cobertura de maneira geral: a postura de Fernanda em vida e seu legado na memória dos vizinhos de Copacabana. E, mais importante, o fato de que ela “se destacava” dentro de um grupo de desviantes sociais.

Para analisar a forma como este enquadramento é construído, é preciso compreender primeiramente de que tipo de enquadramento este artigo trata e como ele se relaciona com o gênero da protagonista do caso, aspectos que serão discutidos no tópico a seguir.

Enquadramento e Crítica de Mídia

O conjunto de critérios que organizam a construção de uma notícia e seu contexto de escrita e publicação constitui uma das maneiras de conceituar o que é o enquadramento noticioso. Nas últimas décadas, este conceito vem sendo utilizado por diferentes áreas do conhecimento, da sociologia à comunicação, passando pela psicologia, de forma que pode ser compreendido a partir de uma série de perspectivas.

A análise de enquadramento “volta-se, pois, para a percepção do modo como os discursos enquadram o mundo, tornando acessíveis perspectivas específicas de interpretação da realidade” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 193).

De acordo com Mendonça & Simões (2012, p. 191), são frequentes três grandes modelos de apropriação do conceito de enquadramento. Um primeiro tem como enfoque principal a situação comunicativa e visa compreender o modo com que as mensagens metacomunicativas ajudam a construir esta situação. Um segundo modelo de apropriação do termo enquadramento “inclui pesquisas que adotam o enquadramento para realizar análises de conteúdo discursivo, explorando as molduras e as saliências produzidas por enunciados” (MENDONÇA & SIMÕES, 2012, p. 191). Por fim, um terceiro considera o estudo de *frame effects*, a partir da análise de dis-

³Foram selecionadas para análise todas as notas, matérias, notícias e reportagens jornalísticas de conteúdo original publicadas nos sites de maior relevância no buscador Google. Ficaram de fora apenas as publicações que claramente se tratavam de plágio.

cursos que são adotados estrategicamente.

Neste artigo, nos debruçaremos especificamente sobre o segundo tipo, uma vez que o objetivo neste espaço é justamente discutir o enquadramento noticioso da morte de Fernanda Rodrigues dos Santos, a partir de uma análise focada nos quadros que compõem tais textos jornalísticos. Segundo Entman (1993), isso é possível na medida em que:

Enquadramento essencialmente envolve seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1993, p. 52).

Neste contexto, o repórter responsável pela produção de um conteúdo jornalístico, representando um determinado veículo de comunicação, apura os fatos, busca fontes de informação, entrevista ou não pessoas e redige uma matéria na qual compila recortes da realidade a partir de uma seleção dos fatos feita com base em sua própria perspectiva. Nesta colagem que é uma reportagem, alguns aspectos ficarão em evidência, enquanto outros serão mais sutis ou sequer aparecerão.

No processo de construção da notícia, Rothberg (2010) sugere que o jornalista tenha como objetivo o equilíbrio de informações, de forma que o enquadramento não seja tendencioso a uma das partes, ou seja, não seja um enquadramento episódico, e sim um enquadramento temático.

O procedimento não se resume a colher visões alegadamente contrárias, colocando umas diante das outras, simplesmente. Primeiro, porque onde o olhar apressado vê apenas oposições, pode haver matizes, contrastes e sintonias inesperadas. Segundo, porque as diferenças entre as perspectivas relevantes precisam ser elucidadas, em aproximações refletidas (ROTHBERG, 2010, p. 58).

Em uma cobertura midiática como é analisada neste artigo, os aspectos salientados pelo autor incentivam a um olhar treinado a compreender o contexto social no qual o caso relatado se insere. Não se trata apenas de enxergar a oposição *agressores x vítima*, mas de observar, para além destas determinações, o contexto social no qual se inserem: quando quem comete o delito são duas pessoas de classe média e quem o sofre é uma pessoa em situação de rua, uma mulher estigmatizada.

É por conta destas ponderações que podem ser feitas em uma análise de enquadramento que esta perspectiva teórico-metodológica é vista pelo autor como uma proposta possível para a crítica de mídia, uma vez que permite isolar e interpretar os elementos que compõem as notícias, avaliando assim se o tratamento dado ao tema foi adequado dentro desta perspectiva de equilíbrio.

Entendidos como formatos genéricos de cobertura, os diversos enquadramentos possíveis a uma matéria podem ser identificados por uma crítica de mídia que procure emitir um julgamento objetivo sobre as matérias em análise. Os diversos traços que vão figurar como característicos de um dado enquadramento surgem do exame atento de uma cobertura específica, em processo de estudo e aproximação no qual eles vão se revelar como atributos inseparáveis do foco adotado pelo veículo. A avaliação de enquadramento tende a ser clara o suficiente para que contenha, a um só tempo, um inventário dos olhares construídos por determinada matéria em torno de certo assunto e uma consideração qualitativa a respeito da adequação de seu foco (ROTHBERG, 2010, p. 60).

Para responder à questão proposta na introdução deste artigo, recorre-se à propositiva de Entman (1993, p. 52), de que “o texto contém quadros, que são manifestados pela presença ou ausência de certas palavras-chave, frases de armazenagem, imagens estereotipadas, fontes de informação e frases que fornecem grupos de fatos ou julgamentos que reforçam tematicamente”.

O jogo de informação que é feito com estes quadros ou *frames* é que determina

a presença ou ausência de um determinado enfoque ou dado específico. Dessa forma, para compor a metodologia de análise deste artigo, estes aspectos citados pelo autor foram tensionados de maneira a compor categorias de análise.

Identificando os *Frames*

Embora a cobertura midiática do assassinato de Fernanda Rodrigues dos Santos tenha iniciado em 18 de outubro de 2017 e seja composta por quase uma centena de publicações, foram selecionadas para compor o corpus deste artigo 25 textos⁴ publicados a partir de 15 de novembro, quando a vítima, que até então vinha sendo descrita apenas como “uma moradora de rua de Copacabana” foi identificada como Fernanda Rodrigues dos Santos.

A análise dos *frames* das notícias foi realizada em duas etapas, com a utilização de dois softwares diferentes de pesquisa, o SPSS e o Iramuteq⁵, que permitiram inicialmente investigar a presença e ausência de determinados *frames* e, em seguida, realizar uma análise do texto a partir de sua composição léxica.

Após uma leitura das reportagens, foi construído um livro de códigos que identificou quais foram os quadros centrais a delinear o enquadramento do caso do assassinato de Fernanda, a saber:

a - Fonte primária, secundária e terciária (autoridades policiais, autoridades políticas, autoridades dos Direitos Humanos, conhecidos de Fernanda (moradores e trabalhadores da região, nomeados ou anônimos), familiares, religiosos e sem fonte ou fonte como “relatos”);

b - Caracterizações positivas ou em defesa da personalidade da vítima – adorada na região, querida, discreta, trabalhadora, simpática, sorridente;

c - Nível de informações sobre os criminosos – nomes, Ocupações, detalhes de apreensão de drogas durante a prisão, presença de todas ou ao menos duas destas informações ou ausência;

d - Presença/ausência de justificativa para o crime (álcool, drogas, provocação);

e - Presença/ausência de discussão sobre o gênero da vítima;

f - Presença/ausência da condição de maternidade;

g - Discussão contextualizada a respeito da questão social das pessoas em situação de rua (se problematiza ou oferece contexto social).

Estes elementos serão discutidos em seguida, não necessariamente nesta mesma ordem, uma vez que serão tratados a partir da maneira como se inter-relacionam.

Quadro a quadro

As fontes de informação estão entre os critérios sugeridos por Entman (1993) para compreender o enquadramento dado às informações midiáticas. No caso da cobertura da morte de Fernanda, elas convergem majoritariamente para uma construção noticiosa que não abre muito espaço para uma perspectiva social e de gênero.

Todas as matérias tiveram pelo menos uma fonte citada, dez delas partiram de pelo menos uma segunda fonte de informações, enquanto apenas cinco tiveram uma terceira. Dos 25 textos analisados, 17, ou seja, 68%, tiveram como fontes primárias autoridades policiais – as polícias Civil, Militar e Federal, o 19º Batalhão, a Delegacia de Homicídios, delegados e o Instituto Médico Legal. Apenas duas delas trouxeram já na primeira entrevista uma autoridade política e uma autoridade voltada aos Direitos Humanos, enquanto que cinco outras entrevistaram o irmão de Fernanda, Willian Rodrigues dos Santos.

Estas mesmas pessoas apareceram como segundas e terceiras fontes, embora tenha destaque nestas duas categorias a presença de pessoas comuns, em cinco ma-

⁴Os jornais que mais publicaram reportagens a respeito do assassinato de Fernanda foram O Globo, com oito matérias, e O Popular, com cinco. Os demais, a seguir, veicularam cada um apenas uma publicação: A Tribuna, Band, Band News, Extra, Folha de S.Paulo, G1, Geledes, Huffpost Brasil, JC Online, Jornal do Tocantins, O Dia, O Estado de S.Paulo, Plox, R7 Cidade Alerta, Só Fatos e VEJA.

⁵O primeiro é um software utilizado para operacionalizar principalmente análises de cunho quantitativo que permite realizar inferências a partir de códigos numéricos e cruzamentos de dados, o segundo permite realizar também análises quantitativas, mas é voltado para composições textuais e léxicas.

térias, os jornalistas entrevistaram indivíduos que conheciam Fernanda: moradores locais, funcionários de residências e comércios de Copacabana, próximos à região da Praça do Lido, onde ela vivia.

6Extraído da reportagem “Ato religioso lembra morte de moradora de rua há um mês em Copacabana”, do site O Globo. Disponível em: <<https://globo/2vxHJkc>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

Foram estes relatos que permitiram aos repórteres traçarem uma imagem de quem era Fernanda Rodrigues dos Santos em vida. As entrevistas com o irmão da vítima, localizado alguns dias depois, ajudaram a traçar um perfil dela antes de ter recorrido à situação de rua.

A escolha das autoridades policiais como predominantes na cobertura mostra uma tendência a oficializar os dados, concentrando-se nos fatos, e não necessariamente oferecendo ao leitor uma percepção mais completa e ampla. Essa percepção dialoga diretamente com duas das categorias citadas acima. A primeira delas é a categoria “g”, que analisa justamente a capacidade das matérias de discutirem o caso de Fernanda a partir de uma problematização social. Contrariando a hipótese inicial do artigo, 68% das matérias analisadas vão além do fato em si, enquanto 32% ignoram o contexto da população de rua no Brasil e no Rio de Janeiro.

Esse contexto, porém, não é aprofundado e consiste, na maior parte das vezes, na fala de um dos entrevistados reforçando a importância de se combater a violência contra a população em situação de rua e de se oferecer condições de vida e de habitação mais dignas a estas pessoas.

A marginalidade, que já faz parte da realidade das pessoas em situação de rua, fica ainda mais evidente quando, além das condições de vida, se fala sobre as condições de morte dessas pessoas. Conforme aponta Butler (2016, p. 17), “há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas. Em que sentido, então, a vida excede sempre as condições normativas de sua condição de ser reconhecida?”.

No caso da morte de Fernanda, a maneira como a mídia em geral aborda o seu assassinato denota uma tentativa de fazer uma espécie de reconhecimento da sua condição de humanidade por meio das características de sua personalidade, presente principalmente nos termos escolhidos para compor as notícias. Esse ponto será discutido mais detalhadamente no tópico seguinte. Antes disso, no entanto, vale tratar ainda da segunda categoria relacionada às fontes de informação e que reforça uma perspectiva mais voltada para um relato direto e superficial dos fatos: a ausência da questão do gênero de Fernanda na cobertura midiática: 12% das matérias trazem o fato de ela ser mulher à luz em sua construção, enquanto 88% desconsideram completamente este fator ao noticiar o caso.

Uma das matérias vai mais a fundo e, por meio da entrevista de Denize Adriana Ferreira, criadora do Movimento Internacional de Mulheres em Situação de Rua, chama a atenção para o crescimento acelerado da parcela feminina desta população, conforme o trecho destacado a seguir:

As moradoras de rua aparecem nuas e com marcas de asfixia e de objetos perfurantes quando são assassinadas. O que me assustou na morte da Fernanda foi o tipo do crime, nunca vi uma pessoa de outra classe assassinando assim. Esse ano eu enterrei várias Fernandas. Faço parte de diversos movimentos, vejo diariamente vários crimes e fico chateada porque uma pessoa inocente teve que morrer para que as pessoas fizessem algo. E eu espero que, de fato, se faça algo, porque eu estou lutando há cinco anos para ter um hotel para as mulheres passarem a noite⁶.

Se as mortes de mulheres em situação de rua são frequentes como a entrevistada aponta e em condições tão degradantes, por que seguem negligenciadas por instituições governamentais e de assistência social e ignoradas pela imprensa? São questões amplas e que seguem sem respostas. No caso desta cobertura em específico, um fato que, embora não explique, oferece uma justificativa parcial para a ausência deste aprofundamento nas matérias é o foco das reportagens voltado aos perpetradores da violência de maneira factual.

Os dois acusados possuem uma presença grande na cobertura: 76% das matérias trazem descrições completas de ambos, incluindo seus nomes e idades – Rodrigo Gomes Rodrigues, 24, e Cláudio José Silva, 37 –, bem como suas ocupações – estudante de Medicina e lutador de MMA. Outros 16% mencionam ao menos os nomes ou as ocupações e apenas duas matérias, ou seja, 8%, não os mencionam.

Com frequência, os textos trazem ainda as circunstâncias das prisões e o envolvimento com tráfico de drogas, detalhando inclusive a quantidade e variedade de entorpecentes apreendidos no momento da prisão. Sobretudo, um fator chama a atenção: a tentativa de oferecer a fala aos acusados e/ou a de justificar o crime de alguma forma.

Embora reforcem a indignação da comunidade e das próprias autoridades com a brutalidade e gratuidade do assassinato, 20% das matérias oferecem algum tipo de justificativa para o crime, sendo que as predominantes são a de que estariam sob o efeito de drogas e a de que Fernanda teria sido morta “por engano”. Nesta última, explica-se que os dois acusados passaram pelo local do assassinato momentos antes e um homem em situação de rua teria lançado uma lata de cerveja em sua direção. Eles então retornaram e atiraram em Fernanda acreditando que, sob os cobertores em que ela dormia, estava o homem que os havia provocado. Uma das matérias que utiliza esta justificativa também reforça que “os dois criminosos aparentavam ter vida normal”⁷.

Os dois homens também aparecem em uma imagem replicada em alguns dos sites a partir da divulgação da Polícia Civil. Embora Entman (1993) cite as imagens como um dos quadros possíveis, para este artigo foi feita uma escolha metodológica de se concentrar apenas no texto escrito. Cabe mencionar, no entanto, que somente duas das 25 matérias não possuem imagens ilustrativas, que variam entre fotos da rua em que Fernanda foi assassinada e dos dois acusados ou da própria vítima. A fotografia de Fernanda que aparece com mais frequência é a imagem da Figura 01.

Figura 1 – Retrato de Fernanda Rodrigues dos Santos



Fonte: *Folha de S.Paulo*⁸ (2017)

A construção da persona de Fernanda corrobora com o que mostram seus retratos imagéticos. Nesses ela aparece sorridente, simpática, olhando para a foto. Esse ponto dialoga com o que será tratado no próximo tópico deste artigo, os itens b) Caracterizações positivas ou em defesa da personalidade da vítima; e f) Presença/ausência da condição de maternidade de Fernanda. Aqui, será resgatado outro aspecto citado por Entman (1993) como um dos quadros possíveis dentro da operacionalização de uma análise de enquadramento, o das palavras-chave. Elas integram o segundo momento metodológico, onde foi empregado o software Iramuteq para extração das classes de palavras e relação entre os termos.

⁷Extraído da reportagem “Estudante de medicina e lutador de MMA são presos por morte de Moradora de rua”, do site Plox. Disponível em: <https://bit.ly/2nsI5UQ>. Acesso em: 11 ago. 2018.

⁸Extraída da reportagem “Morta em Copacabana, moradora de rua se destacava por ‘porte nobre’”, do site Folha de São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/2OwrOcP>. Acesso em: 11 ago. 2018.

Nota da revista EJM: a qualidade das imagens é de responsabilidade dos(as) autores(as) do artigo.

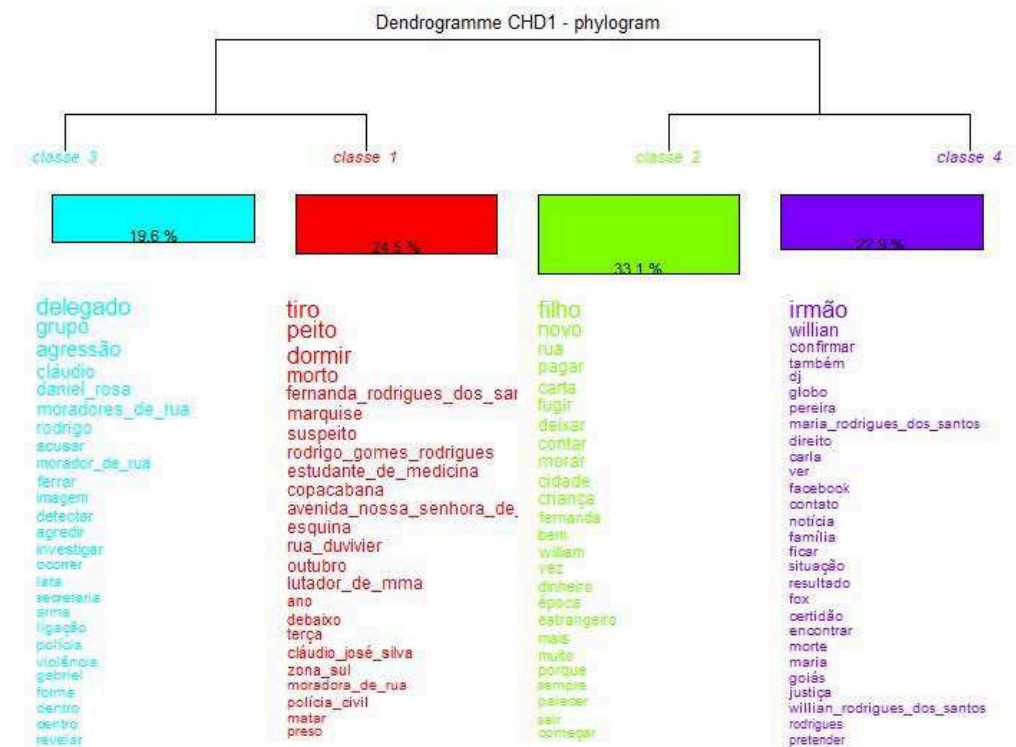
Palavras que Emolduram

Uma análise atenta das reportagens sobre o caso da morte de Fernanda Rodrigues dos Santos permite propor que o que atrai a atenção da mídia para o ocorrido não é o crime cometido, mas as características atribuídas à vítima que a destacam de outras pessoas que compartilham a sua situação de moradia. Em 13 das 25 matérias analisadas, 52% do corpus, características físicas e/ou de personalidade obtêm destaque na narrativa. Todas as matérias fazem uma referência ao fato de que a vítima era conhecida em Copacabana por circular na região carregando seus pertences em sacolas e baldes e, em algumas delas, se fala que trabalhava lavando painéis para as residentes dos edifícios elitizados da Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

Nessas 13, no entanto, o jornalista foi além da simples narrativa de “como ela era conhecida” e empregou adjetivos para definir a personalidade de Fernanda e construir a persona da mesma a partir de entrevistas com pessoas que circulam na região e que conviviam com ela.

Os Gráficos 01 e 02, a seguir, gerados a partir da compilação do conteúdo textual das 25 matérias analisadas, permitem perceber de que forma os termos são agrupados e organizados em classes de palavras dentro de cada matéria. Embora tenha sido citado como fonte primária das informações nas matérias em apenas cinco ocasiões, o irmão de Fernanda, William Rodrigues dos Santos, e a informação fornecida por ele de que ela teria tido um filho antes de morar nas ruas protagonizam as duas classes de palavras que predominam no texto: as classes 4 e 2, com 22,9% e 33,1% de presença. Relacionadas com a categoria f) se ressalta a condição de maternidade de Fernanda, da primeira parte da análise, essas duas classes de palavras correspondem às matérias mais recentes, onde estão as sete matérias que citam a maternidade de Fernanda, já que em outras 18 este aspecto está ausente.

Gráfico 1 – Classes de palavras



Nota da revista EJM: a qualidade das imagens é de responsabilidade dos(as) autores(as) do artigo.

Fonte: Autora (2018)

Na classe 4, em torno de “irmão” se agrupam termos que tangenciam a história de vida da vítima e suas relações familiares prévias à fase em que vivia nas ruas do Rio de Janeiro, contadas sob a perspectiva do irmão William, bem como aos desdobramentos nas trajetórias pessoais dos membros da família Rodrigues dos Santos

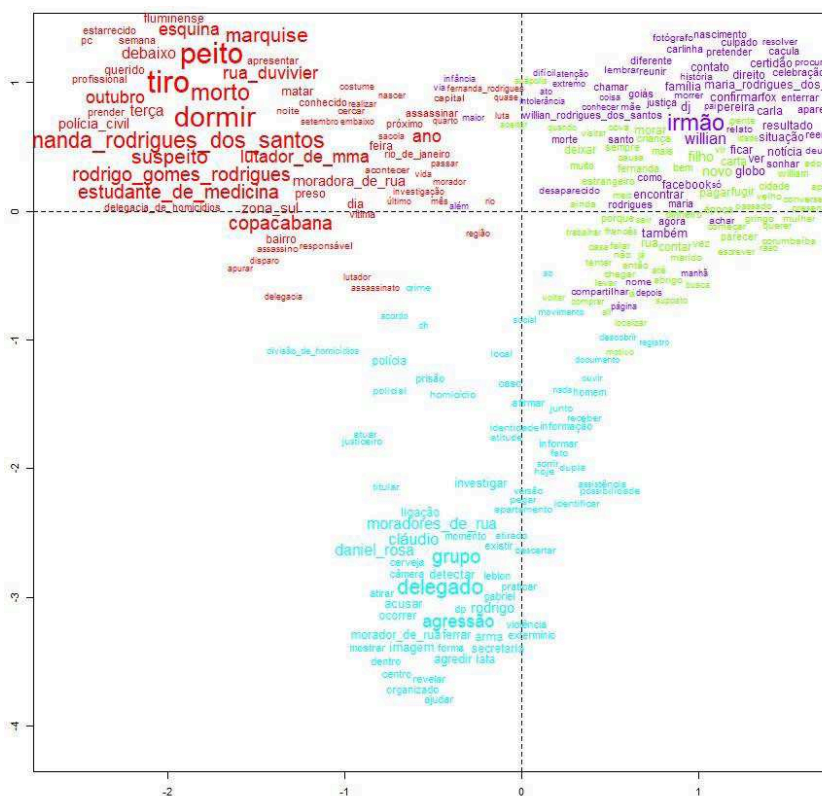
após terem-se perdido de Fernanda. Os aspectos relacionados à vida pessoal também estão presente na classe 2, onde os termos giram em torno de “filho”, e tratam do trecho da vida de Fernanda que provavelmente se passou desde que a mulher se afastou da família e até chegar às ruas, conectados por “morte”, “encontrar” e “justiça” com o episódio do assassinato.

Essas duas classes de palavras demonstram a presença forte nas matérias da necessidade de retirar o tópico do âmbito coletivo e social, situando-o no privado, na medida em que as escolhas da própria Fernanda e suas atitudes parecem ser tão ou mais impactantes sobre o seu destino quando o fato do assassinato em si. Sobre isso, se dedicam as classes 1 e 3, que correspondem a 24,5% e 19,5% do texto, respectivamente, e que são focadas no crime em si.

A primeira é centrada em “tiro” e “peito” e compila os principais termos relacionados ao caso de outubro de 2017, o disparo, as condições e pormenores da morte e a investigação. Um aspecto que vale ser observado, no entanto, é que é nesta classe que também aparece com mais destaque o nome completo de Fernanda. Também é importante ressaltar que a classe com menor destaque é justamente a que diz respeito a informações de contextualização social e relação deste com outros crimes do tipo. “Delegado”, que está em evidência, é cercado por “grupo”, “agressão” e “moradores de rua”, em menor proporção, evidenciando que os contextos social e habitacional do Rio de Janeiro e do Brasil, de maneira geral, não se destacam na cobertura midiática feita sobre o caso de Fernanda, de forma que a mesma dedica consideravelmente mais espaço aos aspectos específicos do caso e ao histórico pessoal da vítima do que ao problema social que está no contexto de sua condição de moradia.

A nuvem gráfica de palavras a seguir ilustra o distanciamento léxico que existe entre os dois grupos das classes de palavras, indicando que, em geral, os textos com mais espaço para a reflexão voltada ao contexto das pessoas em situação de rua utilizam o caso de Fernanda apenas como gancho, enquanto que os demais, que estão focados diretamente no assassinato da goiana, por outro lado, deixam de lado este aspecto da contextualização social.

Gráfico 2 – Distribuição das classes de palavras



Fonte: Autora (2018)

Tendo em vista estes pontos levantados nestes dois momentos da análise, é possível perceber que os elementos em evidência dentro do corpus de pesquisa são as construções factuais, que trazem detalhes do flagrante e da prisão dos dois acusados de cometer o crime. Quando se trata da vítima do crime, se limitam, na maior parte do tempo, a ressaltar detalhes de personalidade e de seu histórico pessoal, de sua individualidade, em detrimento de componentes sociais, raciais e de gênero.

Se observarmos o que Entman (1993) chama de “saliência” de um texto comunicativo, é possível apontar por meio destas análises que o que está saliente na análise dos termos utilizados para compor as reportagens em questão e no levantamento dos frames que as emolduram é a própria Fernanda Rodrigues dos Santos, em um conjunto de comportamento individual, figura e história de vida.

O autor aponta que o termo “saliência”:

significa tornar uma informação mais perceptível, significativa ou memorável para o público. Um aumento na saliência aumenta a probabilidade de os receptores perceberem a informação, discernirem o significado e, assim, processá-lo e armazená-lo na memória. [...] Textos podem tornar as informações mais salientes por colocação ou repetição, ou associá-las a símbolos culturalmente familiares. No entanto, mesmo uma única aparência não-ilustrada de uma noção em uma parte obscura do texto pode ser altamente saliente, se for compatível com os esquemas existentes nos sistemas de crença de um receptor (ENTMAN, 1993, p. 53).

Embora as reportagens a seu respeito busquem fazer um resgate de sua vida antes de viver sob as marquises da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, existe um esforço em recorrer ao passado para dar legitimidade a uma pessoa, como se sua vida pós-rua carecesse de sentido, algo que somente sua existência prévia e a alusão a um marido, a filhos e a uma família pudesse oferecer.

Por outro lado, este esforço em averiguar aspectos que humanizem Fernanda a destacam dentro do grupo social ao qual pertence e fazem com que ela se distancie dos demais. O que está saliente nos textos é a diferenciação desta pessoa, que, embora vivesse em uma situação de subalternidade, não se comportava como tal. Ou, a partir dos conceitos de Goffman, ela colocava em harmonia e, ao mesmo tempo, em conflito, “símbolos de prestígio”, que o autor compreende como aqueles elementos conectados no imaginário popular ao comportamento de pessoas de classes mais abastadas da sociedade, e “símbolos de estigma”, “ou seja, signos que são especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia, de outra forma, ser um retrato global e coerente, como uma redução consequente em nossa valorização do indivíduo” (GOFFMAN, 2008, p. 53).

Enquanto a higiene pessoal, o cuidado com a saúde e alimentação, a utilização de maquiagem no rosto e a condição financeira de pagar por suas próprias compras estão relacionadas como símbolos de prestígio, as roupas amarrotadas, a ausência de moradia e a presença constante nas ruas são símbolos de estigma. Embora os segundos sejam costumeiros em pessoas em situação de rua, os primeiros não são. Ao concentrar ambos, Fernanda Rodrigues de Souza consistia no que o autor chama de “desidentificadores”.

Ou seja, um signo que tende - real ou ilusoriamente - a quebrar uma imagem de outra forma coerente, mas nesse caso numa direção positiva desejada pelo ator, buscando não só estabelecer uma nova pretensão, mas lançar sérias dúvidas sobre a validade da identidade virtual (GOFFMAN, 2008, p. 53).

Em outras palavras, uma pessoa que, apesar de carregar o estigma consigo, ao mesmo tempo o quebrava com seu comportamento amigável. Essa contradição contribui para que seu caso receba atenção midiática, mas de uma forma que não necessariamente amplia a discussão para o grupo ao qual pertence.

Considerações Finais

Quando se trata de cobertura midiática sobre casos relacionados à população em situação de rua, a imprensa brasileira ainda falha em considerar este grupo populacional como parte de um contexto social amplo que precisa ser problematizado, mas que, para tanto, carece ser discutido nos meios de comunicação.

A ausência destas perspectivas na cobertura midiática sobre o caso do assassinato de Fernanda Rodrigues dos Santos, discutido neste artigo a partir da análise de 25 matérias jornalísticas veiculadas em portais de notícias e sites de jornais, evidencia a superficialidade com que o tema é tratado, concentrado na narração de um fato: qual foi o crime, quem morreu, quem matou, as motivações imediatas – se é que existem – e como o caso impactou a vizinhança e a família da vítima sob uma ótica mais sentimental do que problematizadora.

Ao se propor descrever os elementos ou os quadros presentes no enquadramento da cobertura midiática sobre o assassinato da mulher em situação de rua Fernanda Rodrigues dos Santos, este artigo percebe a utilização de fontes de informações essencialmente policiais, o emprego de adjetivos majoritariamente positivos e relacionados à personalidade da pessoa em questão para descrevê-la, enquanto que é feita uma descrição de nome, idade e ocupação dos criminosos, que eventualmente também têm seus atos justificados pelas reportagens.

A questão de uma eventual maternidade de Fernanda também está entre as narrativas, mas, por outro lado, a problematização de uma questão de gênero e da questão social aparecem apenas timidamente na hora de trazer os fatos.

A análise desta cobertura midiática permite compreender que existe um olhar estigmatizado sobre a população em situação de rua, algo que Fernanda desafia ao se comportar de uma maneira que foge ao estereótipo e que é justamente sua diferenciação dos demais que faz com que sua morte mereça estar nos jornais.

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua**. Disponível em: <<https://bit.ly/2P2T-abG>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

ENTMAN, Robert M. **Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm**. *Journal of Communication*, 1993, p. 51-58.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INSTITUTO Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada. **Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua**. Disponível em: <<https://bit.ly/2x-LyuyI>>. Acesso em: 11 ago. 2018

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. SIMÕES, Paula Guimarães. **Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 27, nº 79. Junho de 2012.

ROTHBERG, Danilo. **O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia**. In: CHRISTOFOLETTI, R. *Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo*. Covilhã: Labcom Livros, 2010, p. 53-68.